

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1966.

À Secretária Geral do Movimento de Educação de Base, senhorita Marina Bandeira,

No momento em que o povo no Brasil, sofre pressões e perseguições, declaradas ou encobertas, e o MEB sofre semelhantes pressões e perseguições, no momento em que vemos chegar de parte significativa do pessoal comprometido como nós com o Movimento, cartas que são a explicitação clara de sua responsabilidade diante da situação, por ocasião do encontro do Conselho Diretor Nacional, julgamos oportuno, como membros da Equipe Técnica Nacional, expressar também nosso pensamento. Solicitamos que este documento seja apresentado aos senhores membros do CDN, bem como a autorizamos fazer dele o uso que lhe parecer mais indicado.

Vivemos num mundo em que os Homens estão divididos entre aqueles que têm e aqueles que não têm, entre dominados e dominadores, entre fracos e fortes. Os que não têm, não possuem condições mínimas de serem Homens. Os que têm são a negação do próprio Homem. Os que são dominados tendem e lutam para uma humanização cada vez maior. Os que dominam caminham rapidamente para desumanizar-se cada vez mais. Parecem-nos fatos significativos disto, a vida das nações jovens e a consciência dos pobres, a crescente dominação na América Latina e o aumento cada vez mais rápido dos conflitos e da guerra.

É-nos dado viver no momento da história em que os que preparam a guerra pregam a paz, em que os que acreditam na paz são vítimas das armas, ou de uma Guerra muito maior, e pouco denunciada, a Guerra da fome ou a violência branca do abafamento das consciências a Guerra das prisões. A crescente consciência dos que sofrem é sufocada por métodos cuidadosamente elaborados.

O Brasil vive um retrocesso histórico, onde a Guerra da fome e o abafamento da consciência do Homem, de seus valores como Pessoa, pela violência, tornaram-se coisa de cada dia. As técnicas e as formas de dominação daqueles que têm, oficializaram-se e se legalizaram sob a pressão daqueles que têm e possuem armas.

O mundo está cheio de omissos e seu grande pecado é, com pretextos diversos, a falta de posições claras, a ambiguidade diante da história. No entanto, a consciência dos que sofrem é cada vez mais clara e conhece este pecado.

A história contém, no entanto, no mais profundo dela mesma, uma Esperança, que o próprio Jesus Cristo veio explicitar. Esperança construída de luta e de paz, que Ele mesmo prometeu.

A Igreja de Jesus Cristo insere-se com uma perspectiva histórica de Esperança, num mundo de dominação. Em toda a sua história, quando se identificou com os pobres e oprimidos, sofreu perseguição. Por isso, o sofrimento e a perseguição por parte dos poderosos, sempre foram motivo de júbilo.

Diante do mundo dos crises causa-nos impacto a vida da Igreja das catacumbas, a coragem daqueles que em nossos dias, se insalam em chamas contra a injustiça, o valor daqueles que trabalham há anos no Movimento com o risco para a família e risco de prisão, e o destemor de camponeses, monitores e líderes que além de responder dia a dia no desafio da miséria, assumem a responsabilidade e o risco de construir com seus companheiros a história de seu tempo.

A Igreja de Jesus Cristo não se coloca entre os dominados e aqueles que dominam, entre o povo e o governo, senão ela estaria mantendo a um e a outro, repetindo a atitude dos fariseus. Seria fonte de antiguidade, liturgias, dogmatismo e divisionismo.

A missão da Igreja de Jesus Cristo é estar e identificar-se com os pobres. A identificação com os oprimidos significa a participação em tudo, no sofrimento, na luta, na perseguição, assumindo todas as consequências. Julgamos ser esta a única forma de ela estar presente na História dos Homens. As crises e pressões que o MEB tem sofrido em sua história e sofre atualmente, ao mesmo tempo que nos afligem são também motivo de profundo júbilo, pois são a comprovação mais nítida de que sempre se identificou e atualmente se identifica em tudo com os oprimidos. O que acontece no Movimento - pressões militares, pressões econômicas, falta de recursos, falta de condições de trabalho, ameaça de desemprego, riscos de toda sorte - não só a ele acontece, mas a todos os pobres e aos que com eles se identificam.

O Movimento que nasceu pela iniciativa da Hierarquia da Igreja, foi assumido pelos leigos e pelos camponeses de tal forma que o MEB hoje não é apenas uma experiência da Igreja, mas uma experiência do povo, que toma consciência crítica e valorizadora da Pessoa. Os depoimentos que vemos a cada dia, dos líderes, dos alunos, dos monitores, das comunidades, no-lo demonstram claramente.

A participação cada vez mais madura de todos, num movimento profundamente educativo para todos os que, de uma forma ou de outra, nele estão integrados, formou um laicato, não só capacitado tecnicamente, mas também consciente e adulto. Julgamos dever fazer nossos, os testemunhos das equipes nos Estados, expressos nas cartas enviadas por ocasião deste Encontro. Elas são um atestado muito claro de que um grupo de leigos assumiu o Movimento e exige sua participação consciente não como simples espectadores, mas como aqueles que também pensaram, planejaram, construíram, lutaram e o fazem continuar apesar de todas as dificuldades, muitas vezes em lugares onde, pela primeira vez, se ouviu uma mensagem de real esperança e se tentou que o povo assumisse a construção comunitária de sua história.

Tanto a tomada de consciência do povo como o amadurecimento do laicato são formas desejáveis de identificar-se com a missão da Igreja de Jesus Cristo no mundo. Isto não pode ser para ela senão motivo de profunda alegria.

O MEB se constitui atualmente como uma experiência de educação de uma originalidade, qualidade e amplitude de alcances e repercussão internacionais. Não só pela eficiência de seus métodos, ou pelo volume de seu trabalho, mas principalmente porque o Movimento é uma tentativa na qual se toma o camponês em sua situação concreta, como o centro e o sujeito da própria educação. A coerência com este objetivo e o respeito mais profundo pelo Homem levou o Movimento a identificar-se com as aspirações mais profundas do camponês de tornar-se Pessoa e a tomá-la como o nosso critério de exis-

-tência, crescimento, crítica e revisão. Seu mensagem foi sempre claro e explícito, não servindo a interpretações ambíguas.

Por isso, as notícias que tenham como critério as flutuações do momento político, que tentem a política e o caráter real do fim do ML.

Qualquer tentativa de divisão do Movimento está contra a decisão clara dos próprios líderes, tanto quanto demonstrada, e contra o nosso pensamento mais explícito. Dividir-se não se é sua própria existência, pois ela foi criada, organizada e se desenvolveu como exigência de uma problemática de âmbito nacional. Portanto representa um retrocesso no próprio sentido de unidade, não só porque é a negação de unidade, mas também porque é uma deliberação a ser tomada / contra a vontade e a decisão explícitas dos líderes que construíram com o povo o que é hoje o Movimento, e são também responsáveis por ele.

Queremos realizar o mesmo compromisso com os companheiros, com os pobres, com aqueles que sofrem perseguições por amor à Justiça. Consideramos a importância, maior agora, de um trabalho com o povo, um movimento educativo de âmbito nacional. Vamos a importância de assumirmos hoje, líderes e hierarquia, a responsabilidade deste trabalho. Declaramos nossa disposição de continuar nosso compromisso no Movimento de Educação de Base, dentro do espírito desta carta, que julgamos ser o único coerente com a própria história do Movimento.

Equipe Técnica Nacional

_____ **Aldayr Brasil Barthy**

_____ **José Inácio de Sá Parente**

_____ **Maria Aparecida Signora**

_____ **Roberto Jaria Mendes**

_____ **Ricardo Macchette**

_____ **Wilson Ferreira Rodrigues**